

eleição presidencial

JOÃO MELLÃO NETO ESTADO DE SÃO PAULO

Batismo de fogo

25 SET 1998

"We shall never surrender!"

("Jamais haveremos de nos render")

Sir Winston
Leonard Spencer
Churchill



**Não existe
ninguém mais
preparado
que FHC para
discernir o que
é preciso para
debelar a crise**

Londres, 10 maio de 1940. Após a renúncia do primeiro-ministro Neville Chamberlain, Sua Majestade o Rei Jorge V convidou Winston Churchill para comandar o governo de união nacional. A situação era realmente grave. Os alemães já haviam provado a sua superioridade bélica conquistando a Polônia, a Bélgica, a Dinamarca e a Noruega. A queda da França, a essa altura, já se vislumbrava como inevitável (acabou ocorrendo um mês depois...). A "bola da vez" seguinte, todos sabiam, seria a Inglaterra.

No dia 13, o novo premiê reúne o Parlamento, propõe um recesso de oito dias e, entre outras coisas, assim se pronuncia:

"(...) Temos diante de nós uma duríssima prova. Temos diante de nós muitos e longos meses de luta e sofrimento.

Desejais saber qual é o nosso plano de ação?

Eu vos direi: é combater, no mar, na terra e no ar, com todo o nosso poderio, com toda a energia que Deus nos conceda (...). O nosso objetivo? Vitória. Vitória a todo custo, vitória apesar do terror, vitória por mais duro e longo que seja o caminho a percorrer. Pois sem vitória, senhores, que isto fique bem claro, não haverá sobrevivência. (...).

Eu diria a esta Casa, como digo a todo o nosso povo: eu nada mais tenho a oferecer senão sangue, trabalho, suor e lágrimas..."

Essa passagem histórica me veio à mente quando, ontem de manhã, ao ler os jornais, tomei conhecimento do corajoso pronunciamento do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Corajoso porque, para os nossos hábitos latinos, qualquer outro governante teria optado por adiá-lo para depois das eleições. Afinal, faltam poucos dias para o decisivo 4 de outubro. Nada, de concreto, exige que alguma medida seja tomada neste curto espaço de tempo. Pelas pesquisas, tudo indica que, mantidas as expectativas como estavam, a sua reeleição estaria garantida já

neste primeiro turno. Com mais quatro anos de mandato garantidos, FHC teria tempo de sobra para recuperar a popularidade que fatalmente perderia tão logo tomasse as duras providências necessárias.

Meu artigo de hoje já estava pronto quando soube do fato. E tratava de outro tema. Infelizmente, dada a rigidez do cronograma de entrega de textos ao jornal, não há tempo para refazê-lo com a qualidade e a adequação de argumentos que o Estado espera de seus colaboradores. Resta-me somente reafirmar minhas convicções.

■ Embora o meu mandato também esteja em jogo, por questão de princípios, não adotarei a atitude evasiva que o marketing eleitoral recomenda. Se reeleito, quero que o presidente saiba, de antemão, que poderá contar sempre com o meu voto, no Congresso, a todas as medidas que vier a tomar, não importa quão impopulares ou antipáticas elas sejam perante a opinião pública. Confio na sabedoria de Fernando Henrique desde 1977, época em que ele era um ilustre desconhecido fora dos meios acadêmicos. E, na minha visão, não há ninguém, neste país, mais preparado e abalizado do que ele para discernir sobre o que é necessário fazer para debelar a crise.

■ Sei que as épocas difíceis são o caldo de cultura em que

florescem os patrioteiros, os taumaturgos, os charlatães sociais e os mercenários da palavra. Condoreiros, sociooportunistas, não faltarão platéias para as suas bravatas e catilinárias. "Führers" e "duces" sempre estarão disponíveis para as almas fracas – aquelas que, nos momentos adversos, não hesitam em renunciar à liberdade em busca de uma suposta "libertação".

"Guardai-vos dos falsos profetas", aconselhava-nos o Filho do Senhor, "daqueles que vêm a vós com peles de ovelhas e, por dentro, são lobos arrebatadores."

Os democratas convictos jamais lhes darão ouvidos. E quero acreditar que hoje, no Brasil, eles sejam a maioria.

Vasculhemos a História e constataremos que não há povos eleitos. O que há, isso sim, são povos que se elegem. A tempestade que se prenuncia não aflige apenas a nós, mas a todos os povos do planeta. Nossa têmpera, agora, está posta à prova.

Para ser um patriota – dizia Lincoln em tempos muito mais críticos – não basta que você se orgulhe de sua pátria. Você só será um patriota quando, por seu empenho e esforço, a sua pátria vier a ter orgulho de você.

■ João Mellão Neto, jornalista, é deputado federal (PFL-SP)